



Dolores Rentini, a nova interpreta da *Viuva alegre* e do *Sonho de valsa*

(Cliché Vasques)

N.º 216 LISBOA, 11 de Abril de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:
ANNO, 18800 réis — Semestre 25400 réis
Trimestre, 13200 réis

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director, CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão **R. Formosa, 43**


Agencia de VIAGENS
ERNST GEORGE
 SUCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemannha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo.
 Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Noria

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
 Cheques para hotels.

RUA BELLA DA RAINHA, 8 - LISBOA

Viagens baratissimas
 á TERRA SANTA

PARA ENCADERNAR A

«Ilustração Portuguesa»

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o **segundo semestre de 1909** da *Ilustração Portuguesa*. Preço 360 réis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vaé acompanhada do indice e frontespicios respectivos.

Administração do SECULO
 LISBOA

Ourivasaria "CHRISTOFLE"
 Uma Só e Unica Qualidade
A Melhor

Para obtela e tambem
EXIJA-SE esta Marca



o Nome "CHRISTOFLE"
 sobre cada peça.

PRISÃO DE VENTRE

O unico remedio prescripto por todos os medicos
 para a cura da *Prisão de Ventre* e de suas *consequencias*
 é a **CASCARINE LEPRINCE** (toma os duas pílulas
 de tarde e de manhã)
 Em todas as Pharmacias. - EXIGIR SEMPRE o NOME impresso em cada pílula

**Companhia do
 Papel do Prado**

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

rianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior *Albergaria-a-Velha*). Installadas para uma produçao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeicoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricaçoes especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicaçoes periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. *Escripatorios e depositos:*

270, Rua da Princesa, 276, LISBOA - 49, Rua de Passos Manuel, 51, PORTO. *Endereço telegr. em Lisboa e Porto: Companhia Prado.*
 Numeros telephonicos: Lisboa, 605 - Porto, 117.

CAPITAL

Acções	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação ...	266.400\$000
Reis ..	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maria d'Hermio (Louza), Valle Maior

XAROPE FAME
 CURA INFALIVELMENTE
 BRONCHITES
 MESMO CHRONICAS
TOSSES
 ASTHMA
PREÇO 800 REIS

EM TODAS AS PHARMACIAS ou no DEPOSITO GERAL
 15, RUA dos SAPATEIROS - LISBOA
 PRIMEIRO DE MARÇO 1910

MONOGRAPHIAS REGIONAES
PORTUGUESAS.

A MULHER MINHOTA.



O MINHO — AS INFLUEN-
CIAS ETHNICAS — A PAI-
ZAGEM E A MULHER

a montanha e o littoral,
a serra e a ribeira. A
população das serras que
constituem a ossatura

Desde as alturas da Pena, do Suajo, do Gerez e da Cabreira até ás suavissimas praias do sul do Lima e ás veigas fartas da Arcosa, o solo minhoto desce lentamente para o mar. A brisa do Oceano adoça este clima, agreste ainda nos pincares limitrophes da Hespanha e de Traz-os-Montes, acariciando e tecundando a terra com a suavidade bucolica já de longos annos observada e a esplendida fatura que des arredores da Barca e de Guimarães se alastra até o littoral. N'este abençoado terreno fervilha a população mais densa de Portugal. Terra alegre, gente alegre, em qualquer parte d'esta região, que não fique entre os penhascos das serras interiores, para toda a banda onde a vista se alongue é certo encontrar vinhedos e milharas: ora o pão e o vinho, todos o sabem, são o corpo de Deus e o sangue de Christo.

Assim, por estes sitios, entre a natureza e o homem ha um accordo tacito que torna a terra mais productiva e a vida social mais confortavel. A paisagem, da meia encosta para o mar, é d'um supremo encanto, macia e doce como o doce mel. Por isso os minhotos são como as abelhas: apegadas ao colmeal trabalhando e zumbindo, isto é, cantando.

A natureza do terreno em declive divide a região em duas partes bem distinctas:



Raparias minhotas
Cliché de Emilio Biel & C.ª

geologica do Minho é a serrana; a dos valles e das praias a ribeirinha, mais densa e mais instruída que

a das montanhas, mais alta também, quanto a estatura. Sobre os elementos ethnogenicos que nos tempos proto-historicos aqui assentariam, e que seriam ligures, cruzaram-se as migrações celticas, de predominio hoje manifestas nas partes montanhosas de Ponte do Lima e de Castro Laboreiro, e, mais tarde, as invasões nordicas, cujo ty-po anthropologico predomina ainda nos valles e no littoral. Estes povos não



modificaram a cultura primitiva tanto quanto ethnicamente se desenvolveram, ao contrario do que succedeu com os outros povos invasores dos tempos historicos. Ethnologicamente, o elemento ligure predomina nas serras, como em Castro Laboreiro; o elemento celtico, moreno, do Ancoira ao Cavado; o elemento nordico, louro e sardento, do Cavado ao Ave. Mas aos effeitos dos cruzamentos e a acção do tempo sobre as differenças ethnicas resistiram notavelmente as mulheres que sem-

Uma lavadeira minhota
(Cliché de Emilio Biel & C.ª)



Casal minhoto em Negreiros



O casal minhôto

pre revelaram e revelam, nos seus usos como nos seus typos, as mais remotas influencias ancestraes.

Por cá a mulher, mais do que o homem, é um producto da terra, espontaneo, natural; á paizagem inteiriça, aspera e sobria da montanha corresponde a physionomia rude, severa e triste da serrana; como á paizagem malleavel, doce e farta da beira-mar corresponde a

physionomia viva, affavel e alegre da ribeirinha. O scenario dos valles e das encostas, afagado pelo sol, lavado pelas chuvas, movimentado pelos ventos, com aguas que se beijam, pinheiraes que se abraçam, campos que dormem juntos, com um céu luminoso e sadio que tudo cria e tudo absolve abraçando casaes e colheitas no mesmo luminoso sorriso, raramente interrompido pelas cóleras da

terra e pelas tormentas do ar, é uma formidável *kermesse* natural: por isso não ha terra como esta para romarias e folguedos, não ha terra portugueza onde se cante com mais alegria nem onde com mais espontaneidade se ame. A terra amavel dá o vinho espumoso que mata a sede e alegria a alma, o trigo e o milho de que se faz o pão de Deus, o quente linho de que se vestem homens e mulheres, e a lenha para o lume, a madeira para a casa, a palha para a enxerga...

N'esta alegria das coisas move-se a mulher minhota, a mais linda mulher de Portugal; esculpturas perfeitas, como as de Seixas, a quem Páris não recusaria a maçã, palminhos de



A MULHER COMPANHEIRA DO HOMEM — FESTAS E TRABALHOS AGRICOLAS

O celloiro do alto Minho é Coura, terra das *papas*, paraizo da borôa. Como por lá o terreno é mais fundo e humido, as colleitas fazem-se no S. Martinho, e sangra-se Christo sem escrupulo. São as *martinhadegas*. Parece



I—Conduzindo os bois
A espadellada (Cliché de Emilio Biel & C.)*

cara, como as de Affife, que fariam pecar Santo Antonio. E ellas sabem-no, as marotas! E' vêr como as saias se encurtam deixando vêr a perna tentadora. E' vêr como os colletinhos abertos suspendem e amparam os fortes seios. E' vêr como os bustos se requebram no voltar do *Vira* e no passeio do *Regadinho*. Tambem o homem, no Minho, se habitua desde creança a admirar a

que o nome explica os usos. E de facto explica. As mulheres entram com os homens nas malhadas e com elles manejam, alternadamente, os mangoaes. Nos terrenos menos fundos e mais secos, pelo leste do Minho, as malhadas fazem-se mais cedo; e mais cedo ainda, em setembro, pelo S. Miguel (dia santo em todas as aldeias minhotas), faz-se a *esfolhada*. Esfolhear o milho consiste

em descamisar-lhe a espiga. Devia ser um trabalho enfadonho. Pois não é. Por toda a parte é uma pandega de truz. No coberto ou na eira reu-nem-se os vizinhos à gente da casa, e não faltam à festa as cachopas bonitas com os seus conversados. Sentam-se todos no chão ou onde Deus quer, n'uma grande roda. Canta-se ao desafio, *conversa-se* e quando apparece o *milho-rei* corre o seu possuidor a roda a colher abraços da sociedade. A's vezes irrompe do escuro uma *mascarada* pittoresca. Dança-se e ceia-se. Come-se bacalhau ou sardinhas, a borõa, um caldo de couves com feijão; bebe-se a pinga do Senhor; e, como às vezes o amor e o vinho fazem das



cas: brigam com elles—defendendo-se a tição, com a pá do forno, a braço, como calha—e expulsamos para a eira com grande alarido. Ao arumar da palha, arma-se um mono representando uma velha, a cujo enterro se procede immediatamente, indo atraz o viuvo como carpideira.

Não são estas porém as unicas festas agricolas da região. Ha as *lavradas* pela Paschoa. E em junho, fouchinha no punho, lá vae tudo para as velgas segar o trigo e o centeio. Depois da apanha do linho, faz-se tambem, pelo S João, a *espadellada*. Todas as cachopas, com o seu *cortiço* ao lado e de *espadella* na mão, trabalham como formigas e cantam como cigarras. Vão-se chegando os



1—A mãe
2—A malha do milho

(Clickê de Emilio Biel & C.ª)

suas, não é raro acabar tudo á meia noite com muita pancadaria. Nas malhadas de centeio, mais montanhezas, cada infusa de *verde* é acolhida com vivas desengonçados a que chamam *apupos*. Mas quanto mais os mangoaes trabalham mais a fome aperta. Por isso, antes do meio dia, cae na cozinha um grupo de malhadores, cocando a comida ou as mulheres. Mas estas não são péc-

rapazes, que se *prantam* de roda, encostados aos varapaus. Surge, de repente, o tocador, com o cavaquinho ou o *harmonico*; e lá se abandonam os cortiços e se pousam as espadellas, porque já as moças, a mail-os moços—vira que vira,—entram na dança, de mãos erguidas, emquanto os velhos saboream a *pinga*, limpando a bocca ás costas da mão. Nas vindimas canta-se tambem, está

visto, mas, depois das maceiras terem deitado as uvas nas dornas ou nos lagares, o mulheiro retira-se prudentemente, porque o resto, cá no Minho, é só para homens. São os homens, de calças arregaçadas, e alguns mesmo sem calças, que vão pisando os cachos, emquanto a ceia se faz e a véla de sebo dura accesa.

O inverno approxima-se, com o seu cortejo de chuvas e ventanias. Ora o frio esperta o estomago. E' preciso arranjar *presigo* que aquece. Como no dia de Santo André quem não tem porco mata a mulher, convém evitar a viuvez, sacrificando, sobre o banco esguio, á faca do matador, o cevado que no chiqueiro grunhe. A *mataca* é um caso complicado que demanda conhecimentos domesticos. Até á dependura do porco e ao preparo da salmoura *mestream* os homens, mas os cuidados culinarios do sarrabulho cabem ás mulheres. O mulheiro da casa e da vizinhança junta-se na cozinha a petar cebola para os chouriços, a fazer os *rojões*, a bater o sangue para o arroz de sarrabulho, a preparar o lombo e a *collada*, a lavar as tripas, a encher as farinheiras ou as alheiras, a depennar o gallo (porque sem gallo não ha sarrabulho que preste) e a compôr a vinha d'alhos, emquanto as crianças contemplam a bexiga que, perto do lume, secça dependurada. Isto porque, nas casas boas das aldeias, o japtar de sarrabulho, bem regadinho de verdasco desde á canja até o lombo, dura horas que nem Deus conta, e para mais, quasi sempre com o senhor parochó á cabeceira.

Assim o homem se prende á terra e a agricultura e os cuidados caseiros entreteem a mulher. Mas sem os bois como se ha de lavar o campo? Quem dá o leite, senão as vacas? Não é tambem só de linho que se ha de compôr o bragal. A lá dos carneiros e das ovelhas aquece mais, no inverno, que o vinho das infusas. Os animaes auxiliam o lavrador. E' raro o que não sustenta bois, proprios ou tomados a *ganhno*. Mas, além dos bois, ha os porcos, as galinhas, as cabras, as ovelhas, o cão, que vigia toda a noite no quinteiro, o gato, que se enrosca na quentura do lar. E' a mulher, quasi sempre, que trata dos animaes: encurrala as cabras e as ovelhas, faz a cama ao gado, tira o leite ás vacas, escalda o farello para as galinhas, prepara a lavadura para os porcos. Além d'isto, trabalha no campo como qualquer homem, em espectral a casada de poucas posses, ou occupada o tempo em industrias caseiras, como a tecelagem e a fição. E, quando se trata d'uma festa, não ha ninguem como ella para enfeitar um arco de flores, para adornar um altar, para animar um leilão de prendas com *segredinhos* disputados, como não ha ninguem como ella para amanhara uma ceia, tecer o linho, urdir, fiar, cantar, puxar os cordões á bolsa, calcular, rezar e descompôr alguém.

AS HABITAÇÕES E VIDA FAMILIAR O NATAL

Como acontece com a gente, os caracteres do terreno actuam sobre a disposição das habitações. Falando-se

da mulher, tem de falar-se da casa, onde ella reina. E' claro. Ora nos solos graniticos, onde as nascentes abundam, embora frouxas, as casas estão espalhadas e separadas, occupando grande extensão; nos solos calcareos, onde as nascentes rareiam, as casas agglomeram-se e aninham se por onde a agua existe; e, consoante a cal escasseia ou sobra, assim as casas das povoações ruraes nos apparecem á vista negras e encolhidas, a confundirem-se com as pedras e as brenhas, ou alvas e altaneiras, a sobresahirem do solo fequendo. Nas serras que no inverno o vento açoita e a neve cobre, fiadas de pedras seguram as telhas ou o colmo das habitações; e logares ha, como Castro Laboreiro, em que no cume do inverno os serranos mudam de residencia para as *invenneiras*, que são casas abrigadas nos reconceavos das encostas ou mesmo no fundo do valle. A cobertura das habitações é, conforme as posses e as condições locais, de schisto, feno secco, giesta, colmo ou telha vã. Nas casas pobres não ha divisões, vivendo promiscuamente a familia com os animaes domesticos: o fumo sae pelos intersticios da cobertura e as creanças dormem na mesma canastra, com os caes. Nas povoações ribeirinhas, mais fartas, já a casa se divide em cozinha e mais quartos, e ao pé d'ella ficam as outras construcções agricolas: córte de gado, celloiro, coberto, eira e espigueiro. Quando a habitação, por ser mais rica, tem mais outro andar, o gado fica nas lojas terreas, e o accesso ao andar habitado é feito por uma escada externa de pedra, sobre cujo patamar superior se abre um alpendre. E' frequente vêr-se ainda, ao longo de toda a fachada da casa, uma varanda saliente.

Nas longas noites de inverno toda a familia se reúne na cozinha, peça principal da habitação rural do Minho, e ali, á tenue luz da candeia ou á crepitante palpação do lume do lar, as mulheres fiam nas rocas ou dobam nas dobadouras o linho ou a lá das maçarocas e meadas, emquanto as creanças escutam, de bocca aberta, as historias tradicionais que a avó desfia, como desfia a estopa, ou as confusas dissertações de algum *patranheiro* da casa: no período que decorre de Santa Luzia ao Natal, vae alguém, de quando em quando, á porta observar o tempo, porque já começaram as *quendas*. Isto quer dizer que os 12 dias que vão de 13 a 24 de dezembro condensam, no seu aspect, os 12 mezes do anno que vem. Chega a vespera do Natal e toda a familia se movimentam n'um desusado alvoroco. E' a verdadeira festa do lar minhota. E' a *consoada*.

Ceia intima, a que os ausentes do resto do anno, se pôdem, veem assistir. Come-se e bebe-se. Toda a festa caseira no Minho se concretisa em uma boa refeição. Come-se e bebe-se alarvemente. E' rara a casa onde não ha uma indigestão. Arde no lar o cepo do Natal. Joga-se o rapa, digerem-se as rabanadas, bebe-se o vinho quente: e todos teem, no meio da sua alegria, um gesto de sau-



A família minhôta

(Chché Emilio Brel)

dade para os mortos queridos «que Deus levou.»

RELIGIÃO E SUPERSTIÇÃO

Deus é para esta gente o pae supremo e bondoso, que a seu alvedrio dispõe dos fructos da terra e dirige as tormentas do céu. Tudo se fará «se Deus quizer.» A terra cança, o gado morre, a colheita é escassa... Paciencia! *Será o que Deus quizer!* O espirito da mulher minhota volta-se acanhado para a Providencia, mesmo nos transes mais usuas da vida. Por toda a parte, mórmente nos montes e outeiros, ha capellinhas, nichos, ermidas, que a piedade dos fiéis mantem atravez de ritos pá-gãos. E' um culto ingenuo e gros-

dreiros livres, do inferno, das virtudes da confissão, da supremacia universal da egreja. Ellas tremem, coitadas, porque são supersticiosamente crentes. Ha tantos peccadores por esse mundo! O que será d'ellas quando a morte vier? No seu coração infantil aninha-se a intolerancia e o temor. O Deus da vida, que perdôa, transforma-se no Deus da morte, que castiga. Afasta-se dos que amam a natureza e cantam e se divertem. Desfia os seus peccados, n'um plangente murmúrio, ajoelhada e com a saia a tapar-lhe a cara, junto á relha do confissionario. Mas, como no fundo do seu ser se não pôde dissipar de todo o apêgo ás coisas do mundo e ás



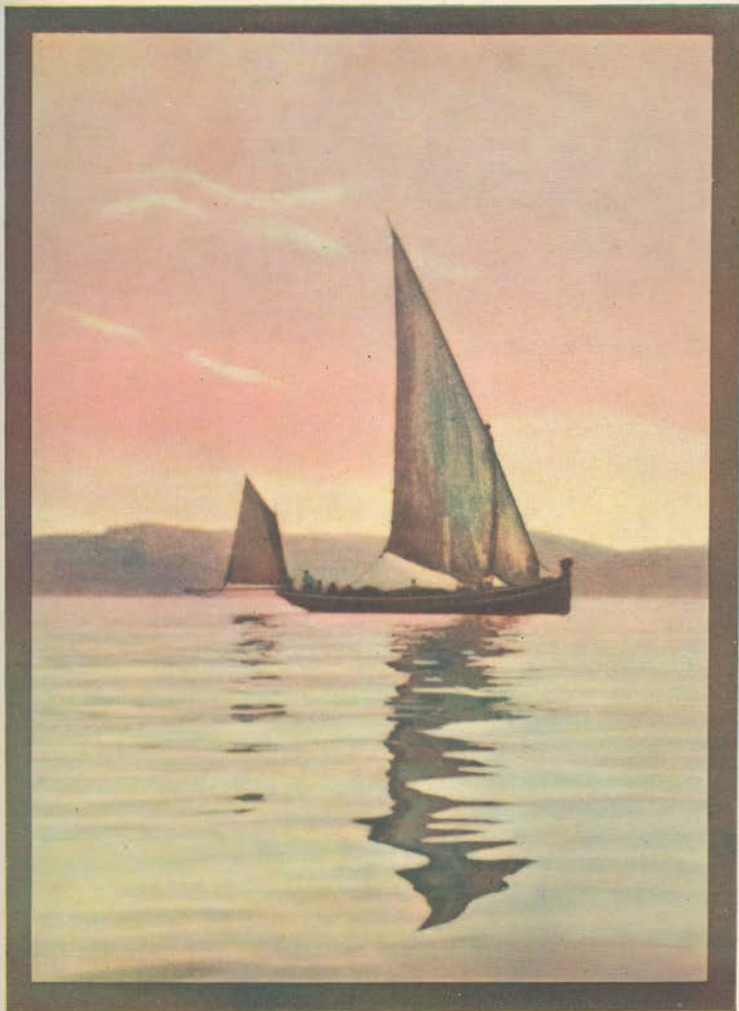
O cardar da estôpa

(Cliché Emilio Biel & C.)

seiro. E' um culto natural. Os missionarios aproveitam-no como entendem, e até procuram desorganisar a familia quando o homem, mais independente ou mais pratico, prefere o trabalho real do seu braço ao favor virtual da Divindade. De anno para anno, n'uma dada epoca, conforme as freguezias, as mulheres abandonam os seus trabalhos, põem de parte os seus deveres caseiros, as suas obrigações, os seus filhos mesmo, e lá vão para a egreja, contas na mão, especialmente as velhas, ouvir os bons dos missionarios falar dos castigos de Deus, dos pe-

venturas da terra, serve-lhe de allivio censurar os outros, reprehender os outros, metter medo aos outros. O seu espirito conserva-se, todavia, sempre indeciso. N'essas consciencias crepusculares tudo se emmaranha. Quem lhe dará conselhos? Só o padre, que representa Deus e conhece os segredos da «outra vida.» E' o padre torna-se o juiz de todas as causas, procurador da Divindade. Nada se lhe deve negar, para que a vingança divina não flagelle os casaes.

Mas o clima impõe-se ainda, como as influencias



CAL MARIA (Cliché de amateur Ex.^{me} Sr. Alfred Black)



ancestraes, e nunca a mulher da beira-mar attinge o grau de mysticismo em que por vezes cae a mulher sertaneja. Todavia é certo que, mesmo nas coisas profanas, um abafado capuz de superstição a opprime. Para a serrana, sobretudo, logo abaixo do padre está o curandeiro, ou melhor, a feiteira. Toda a mulher minhota, com o avançar da idade, vae adquirindo farto cabedal de conhecimentos mágicos, résas, esconjuros, colheita e preparo de ervas milagreas e de órgãos de animaes, com applicação directa a molestias e até a accidentes da vida. Para as lombrias das creanças, já todos sabem que não ha melhor remedio que um rosario de alhos. Livre-se algum de passar por cima d'uma creança que gatinhe, porque a *tolhe* e o innocente não cresce. Por outro lado, creança que se veja a um espelho antes de começar a falar gaga fica, certamente. Ninguém mate um gato na sua propriedade, porque mette a mizeria em casa.



A esterilidade cura-se esfregando-se a mulher pela pedra da fecundidade. E certos santos são agentes therapeuticos de primeira ordem. S. Braz cura a garganta, S. Vicente as bexigas, Santo Amaro os males das pernas e dos braços, Santo Ovidio os ouvidos, Santa Luzia os olhos. Quem resar um responso a Santo Antonio encontra o que perdeu. No dia 24 de abril ninguem trabalhe. E' dia de S. Pedro de Rates. Se em alguma casa houver pessoa ou animal de *esperanças* e n'esse dia um membro da familia trabalhar ou pegar em tesouras é certo que o que nascer virá, pelo menos, aleijado.



Assim, quando algum adoecer, as mulheres da casa, não se fiando em medicos, fazem as suas promessas a Nossa Senhora ou a qualquer santo da sua devoção, e votos ou romarias á Senhora da Peneda, á Senhora da Cabeça, á Senhora d'Agonia, ao Senhor do Allivio, a S. Torcato, etc., romarias e promessas que em geral cumprem nos dias das



1, 2 e 3—Mulheres de Barcellos.
4—A malha do centeio—(Cliché de Emilio Biel & C.)

festas d'esses santos, para terem companhia e gosarem um pouco tambem.

O VESTUÁRIO

A's romarias minhotas, que de janeiro a setembro continuamente se succedem, moças e velhas levam as suas melhores roupas e as suas joias. Os typos característicos da indumentaria feminina tendem a desaparecer, em vista da descentralisação da vida social, das modificações introduzidas nos processos regionaes de tecelagem e fição, da concorrência das industrias e das facilidades de viação e transporte. A cultura do linho, que existe desde que Portugal é reino, vae em decadencia, e teares domesticos, d'esse velho typo

peito, as costas e os braços de linho mais fino para mais durar. Em saias usa-se tambem no Suajo ainda o linho, mas já são de algodão as camisolas e as baetas. Empregam-se grosseiras e pouco cuidadas na serra as roupas brancas, as ribeirinhas porém apreciam o luxo das camisas e das meias. Trazem estas nos grandes dias camisas de linho branco, bordadas na gola, nas hombreiras e nos punhos, que põem á mostra sobre os vistosos colletes de casimira vermelha, apertados á frente por um cordão de sirguilha e guarnecidos de velludo preto com *soutache* e lantejoulas, ou missanga. En tre o collete e a saia refega-se a camisa, na cintura. Para outras bandas

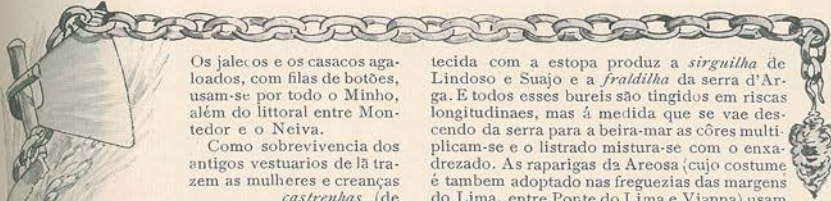


A industria domestica no Minho

(Cliché de Emilio Biel & C.)

grego dos tempos de Penelope tecedeira, cedem o logar aos teares mecanicos e a essa machina de costura universalmente espalhada, que poupam tempo e trabalho e habituam ás *modas* as raparigas. Nas povoações pouco afastadas das sédes dos concelhos já as aldeãs se vestem á moda da villa ou da cidade. Mas os velhos apegam-se ainda ás antigas usanças e nas serras principalmente as tradições mantem-se. A serrana não deixou, pois, de usar o linho, mesmo nas suas phases mais grosseiras, que são a estopa e os tomentos. As faldas das camisas são por lá de estopa; o "

usam-se os colletes de riscado ou de cotim, tendendo a desaparecer os de linho bordado, de côres vistosas. Já passaram de moda, mesmo em Castro Laboreiro, as fachas de lã vermelha que, á laia das *peitoraes* gregas, sustentavam sob o collete os seios erectos. As meias são tambem de linho branco, feitas a agulha e entrebertas ou bordadas á frente. No auge do inverno as da *Ribeira* e em quasi todo o anno as da *Serra* usam as *piucas*, meias sem pés, em malha de lã, cobrindo a perna do joelho ao tornozello. Ha-as com peito-de-pé, á maneira de polainas, e com presilha ou *cabrestilho*.



Os jalecos e os casacos agaloados, com filas de botões, usam-se por todo o Minho, além do littoral entre Montedor e o Neiva.

Como sobrevivência dos antigos vestuários de lá trazem as mulheres e creanças *castrenhas* (de Castro Laboreiro) os bureis de *rascadilho* e o *amantezã* de lá e algodão. A lá

tecida com a estopa produz a *sirguilha* de Lindoso e Suajo e a *fraldilha* da serra d'Arga. E todos esses bureis são tingidos em riscas longitudinaes, mas à medida que se vae descendo da serra para a beira-mar as côres multiplicam-se e o listrado mistura-se com o enxadrezado. As raparigas da Areosa (cujo costume é também adoptado nas freguezias das margens do Lima, entre Ponte do Lima e Vianna) usam saia ás riscas, de lá vermelha (na Afiffe e em Carreço é azul) com fios azues ou verdes, urdida com algodão branco. Tal saia é curta, graças a Deus, deixando vêr o tornozello e a meia, e ás vezes a curva d'uma linda perna. Tem o cós ás prégas e na fimbria uma larga barra de panno escarlate ou, se o fundo é azul, azul. As castrenhas usam sobre a saia de panno escuro um avental typico, o *sanguidinho*, tendo o aspecto de um triangulo isosceles com o vertice para os pés. O avental, na serra pouco usado ou curto, vae crescendo e vae-se generalizando até o littoral; e é feito de chita grossa, *agasalho*, riscado, lá, e até de velludo nas villas e cidades. As da Areosa ostentam-no, de lá ou sirguilha, com barras enxaquetadas em côres alares.

Sobre o fundo, em prégas como o cós da saia, bordam-se a vermelho as iniciaes da possuidora, pentagrammas ou hexagrammas (signos de Salomão), cruces, corações, ancoras, ou a palavra amor, em grandes e carinhosas letras.

Por cima do avental põese a *algebeira*, simples ou com labores, de uma ou mais côres. E' de estopa, burel, casimira, cotim, saragoça e até algodão, conforme os logares. Tem o côrte de um coração. E na beira-mar vianneza guarnecem-na de lantejoulas e misanga e com os mesmos motivos do avental.

Como cobertura para a cabeça adoptam as ribeirinhas do Lima o lenço franjado, em funde azu' ou vermelho, atado no alto e com as pontas caíndo para os lados.

Os *manteus* estão em desuso, revivendo ainda na capa castrenha, sem mangas nem gola.

JOIAS E ADORNOS— OS CORAÇÕES

A minhota abusa extraordinariamente das joias e tra-las com ella, sempre que para isso se lhe offerece pretexto. O seu dote fica assim patente, sobre o seio creador, em volta do pescoço, pendente das orelhas, como n'um mostruario de ourivesaria. Traz de tudo: trabalhos em filigrana, laminados e granitados, contas de oiro, fios, gargan-



Lavradeira dos arredores de Vianna do Castello



cego. Com elle brinca, mas por elle soffre. As da serra, muito ariscas, trazem-no recolhido, apertado no peito, bem agasalhadinho no seu manteu. E' um coração pequenino,

tilhas, cruces, borboletas, broches e medalhões. Nas orelhas, um, dois e mais pares de arrecadas, brinços, pingentes, argolas, brinços de fuso ou de campainhas, e argolas á rainha. As arrecadas, as mais antigas joias do Minho, circulares ou em crescente, são formadas de uma a varias lunulas, achatadas, espiraladas, granuladas, foliaceas, rosaceas ou roliças. Os brinços á rainha são arrecadas annulares, em filigrana, com annexos superiores dispostos como borboletas. Os brinços de fuso são, como o seu nome indica, pingentes fusiiformes, tendo a meia altura um anel granulado. As argolas são... argolas, bocas ou massiças, com travessa liso ou curvo. Como innovação ha os brinços esmaltados. Para «ornar o peito e o pescoço não faltam os grillhões massiços, os fios de contas esphéricas ou ovaladas, os cordões de trança ou trancelins, as cadeias de grandes argolas, d'onde pendem crucifixos aureolados, relicatios em urna ou com ediculos filigranados, imagens de casca de oiro, cruces de Malta, borboletas, medalhas com imagens esmaltadas, e os infallíveis corações.

Na arte como na vida, o coração é o que a mulhier minhota mais aprecia. Não é apenas uma joia: é uma mania. A *sanguidalha* castreirna aproxima-se da fórma de um coração. Desenha-se o coração em certas arrecadas; borda-se nas barras das saias e nos linteus dos aventaes; estampa-se nas guarnições dos lenços que põem sobre os hombros e traçam ante o peito. Os chales que trazem as das villas, dobrados em diagonal e mais descuidados nas costas do que nos hombros, ainda vistos de traz se assemelham a corações. Algumas cadeias e algumas rocas querem imitar corações. As algribeiras são corações. As pregadeiras são corações. As espadelas são corações. E os pesos dos teares corações são. Ail O coração da minhota não tem so.

que não sente o mundo, e todo se compraz no cochêgo do lar, entre a roca onde se esfia a estôpa, e o fuso, onde se enrola o fio. Coração de Penelope caseira. Por cá, pelo littoral, o coração é vasto como o vasto mar. Não cabe no peito. Sôbe á cabeça, desce ao avental. Coração de Venus amorosa, salda das ondas do mar. Meu voz canta:

Toma lá meu coração,
Retalha-o em tres pedações...

E o coração da ribeirinha anda retalhado, á mercê de Deus. Segue-lhe os caprichos, mas não o abandona nunca. Quer vê-lo, senti-o, encontre-o em tudo o que toca, quando espadê'a o seu linho, quando borda o seu bragal, quando tece a sua tela, quando cõe, quando fia, quando conta, quando ao lume scisma no que ha de vir. Pelas estradas, ao entardecer religioso dos domingos campestres, os pares de conversados suspendem-se n'um doce enleio: ella, de cabeça inclinada, tateando com os dedos a franja do avental, e elle, a distancia de respeito, voltado para ella, apoiado ao varapau, sorrindo, com uma flôr na mão... Já o sol se vae sumindo, já as vidraças não reluzem, já o balar das ovelhas parece mais distante e dormitante... Os passaros recolhem aos ninhos. A branca estrada escurece. A crista dos montes esfumilha-se no céu. Hora profunda, indecisa... Profundo e indeciso amor... Mal se ouve a voz cantar ao longe:

Um que vá, outro que venha,
Outro que siga os teus passos.

Não te fiques assim parada, cachopinha. Regressa ao lar. Olha que o amor tem settas. Diverte-te, mas não te tentes. Repara na cruz que trazes no peito. Não é para rezar, pois não? E' para enfeite... Ah! E' Ora a vaidosa!

Tu dizes que não tens cruz
Para resar o rosario...

Pois pensa bem no resto da cantiga:

Casa-te, minha menina
E terás cruz e calvario. JOÃO da RÓCIA



1—Na romaria. 2—No trabalho.

O TORNEIO DE CRICKET EM CARCAVELLOS.

O primeiro torneio de *cricket* entre os jogadores do Club de Swansea, que vieram propositadamente de Londres, e os do Carcavellos Club, realizou-se em 2 de abril, na Quinta Nova, vencendo aquelles por trezetas *corridas* contra quarenta. Depois do jogo foi offerecido um jantar aos vencedores, que decorreu animadissimo.

O segundo *match* foi no Campo da Cruz Quebrada, entre os jogadores de Londres e o *Lisbon Cricket Club*, em 4 d'abril. O Lisbon fez com os seus onze homens duzentas e trinta e tres *corri-*



1—O grupo de Londres
2—Bolando...
3—Batman fóra...
4—O grupo de Carcavellos
5—Batman...
(*Chôças de BENOUILER*)



das e os de Londres cento e quarenta e quatro com cinco homens. Não se acabou o torneio por falta de tempo.

A primeira vez que estes dois clubs se encontraram, o de Londres fez duzentas e cincoenta *corridas*, com oito homens, e o de Lisboa cento e oitenta apenas com quatro, o que demonstra a egualdade dos *teams*. Os jogadores inglezes tiveram ainda um desafio, no mesmo campo, com o *team* de Portugal, composto por membros do Porto Club, Lisbon Cricket Club e Carcavellos Club.



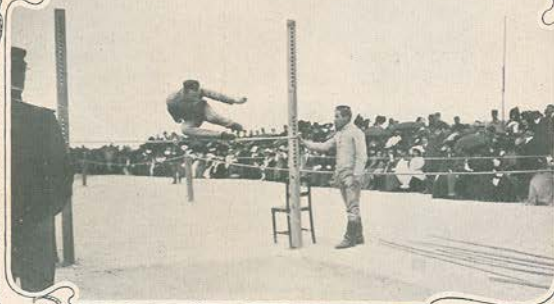
A FESTA SPORTIVA NO QUARTEL DE ENGENHARIA

A festa sportiva realisada no quartel de engenharia, em 2 d'abril, foi das mais notaveis, porque n'ella se apresentaram magnificos exemplos da cultura physica no exercito. O tenente d'engenharia sr.

Esteves fez uma conferencia sobre Napoleão e a Guerra Peninsular, começando depois os exercicios, que constaram de saltos em altura e em trampolim, corridas de velocidade, saltos à vara, lucha de tracção e percurso d'obstaculos.

Na primeira d'estas provas, em que entraram dez grupos dos regimentos de Lisboa, ficaram em campo o d'artilharia e os marinheiros do cruzador *D. Carlos*, que ha pouco obtiveram a victoria na festa do quartel de marinha, em Alcantara. D'esta vez, porém, venceram os soldados de artilharia, ao cabo de uma enorme resistencia. O *team* de caçadores 5, que vencera a *equipe* da companhia de torpedeiros, bateu-se por fim com os artilheiros, cabendo a estes a victoria.

O percurso dos obstaculos foi disputado apenas por oito soldados, que ti-

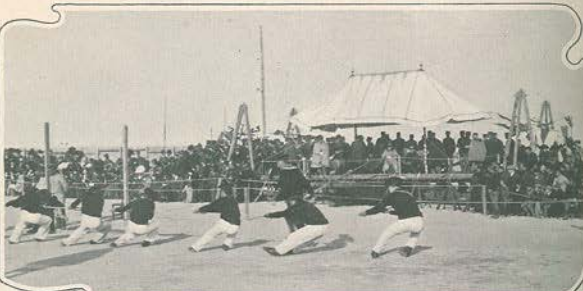


1—El-Reiconversando com o tenente Martha, instructor da *equipe* do *D. Carlos*, vencedora, na festa dos marinheiros.

2—Um salto em altura.

3—1.º premio do salto em altura, 2.º sargento Leitão de infantaria 2.

nham que fazer a prova completamente armados e equipados, sendo necessario subir ingremes rampas e saltar fossos de tres metros de profundidade, sebes, muros, vallas d'agua com 2^m,80 de largura, etc. O



—Os marinheiros na lucha de tracção.



1 — 1.º premio na corrida de resistencia (1:500 metros) soldado 93 da companhia de telegraphistas. 2—Um salto em altura com trampolim. 3—A tribuna retil durante os exercicios. 4—Na disputa da taça: O grupo de caçadores 5 na luta de tração. 5—Os vencedores das corridas de velocidade. 6—Na disputa da taça: O grupo vencedor de artilharia 1 na luta de tração. (Clichés de Benoliel)

soldado 31 de engenharia venceu os obstaculos em 2 minutos e 22 segundos e o soldado n.º 12 de infantaria 1 em 4 minutos e 32 segundos.



MACHAQUITO NO CAMPO PEQUENO

Na segunda corrida de touros d'esta epoca, na praça do Campo Pequeno, foi colhido o cavalleiro José Casimiro, que entrára no terreno do touro, sendo tambem alcançado pelo animal, quando buscava livrar aquelle artista, o bandarilheiro Manuel dos Santos. Pouco depois, José Casimiro, voltava a defontar-se com o touro, mettendo-lhe um ferro curto que os espectadores entusiasticamente applau-



1—Machaquito com um dos empresarios do Campo Pequeno o sr. Luiz de Lacerda



Tomaram tambem parte na lide o cavalleiro Eduardo Macedo, que picou com arrojio, rematando artisticamente as sortes; os bandarilheiros Cadete e Manuel dos Santos, que lidaram o setimo touro com verdadeira arte; Torres Branco e Alfredo Santos. O gado, do sr. Emilio Infante, era bravo.

2—A colhida de José Casimiro
3—Depois da colhida

diram, assim como o brilhante trabalho do espada Machaquito. Com effeito o toureiro hespanhol foi admiravel; portou-se com notavel mestria e guardou a maior serenidade nos mais difficeis lances da corrida.





Frente a frente

1—Machaquito n'um *passé por alto*. 2—Machaquito preparando o touro para o simulacro da sorte de morte.
 3—Machaquito n'um *passé de muleta*. 4—Machaquito n'outro *passé de muleta*.
 5—Uma péga rija.—(Clichés de BENOLIEL)

AS MINHAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DE BRUXELLAS.

O incidente passado em Bruxellas com a nossa gentil compatriota a distincta actriz Mercedes Blasco actualisa as suas primeiras impressões d'essa cidade onde, ao que diz, foi encontrar um esposo. Eis como a artista viu no primeiro momento a capital belga com os seus edificios, as suas ruas, as suas curiosidades tão vivas como as do *maire* bruxelles, que pediu para Portugal informações acerca da buliçosa *chanteuse*, dando origem á noticia atterradora da sua prisão n'essa bella cidade que nos descreve.

A impressão de quem entra em Bruxellas pela *gare du Midi* é bastante desoladora, pela pouca limpeza que se nota nas ruas d'aquellas immediações, que formam o *quartier* menos agradável da capital da Belgica e da provincia de Brabante.

Segundo depois pela *Place de La Constitution*, a fim de nos internarmos na parte central da cidade, a impressão da primeira vista começa a modificar-se com o aspecto alegre e asseiado das fachadas das casas, que se alinham ao longo dos boulevards du Hainaut e de Anspach, este ultimo interrompido a meio pela Praça da Bolsa, onde deparamos com o grandioso edificio da Bolsa, com bellas arcadas sustentadas por fortes columnas, tendo no alto da frontaria um grupo admiravelmente esculpido. Aos lados da ampla escadaria vemos dois leões em pedra, um de cabeça arrogantemente erguida, outro de cabeça baixa, representando a alta e a baixa do mercado.

Continuando o nosso passeio pelo boulevard

Mercedes Blasco
(Cliché da Photographia Aurea)



A estação do Norte e a praça Rogier

d'Anspach, chegamos a um espaço largo, a Praça Brouckère, onde está o monumento a de Anspach, um burgo-mestre a quem Bruxellas deve grandes melhoramentos materiais.

Da Praça Brouckère partem os boulevards du Nord e de la Senne, formando o todo, com o boulevard d'Anspach, como que um Y colossal.

O boulevard de la Senne toma o nome de um rio que lhe corre por baixo e atravessa a cidade de sul a norte.

N'uma esquina, gente parada lendo um papel affixado na parede chama-nos a atenção para esse lado.

Trata-se de um caso de raiva occorrido na cidade, de que o burgo-mestre avisa piedosamente o seu povo, para que se ponha em guarda. E se em Portugal fossem o mesmo?...

Estamos longe, muito longe até, da animação, do bulício de Paris, e, por isso, esta calma convicia-nos ao estudo, visitando os edificios e as obras de arte, que as ha aqui como em parte alguma—ou não fosse a Belgica berço de privilegiados artistas.

Para isso vamos á Grand Place, local historico de Bruxellas e a parte mais antiga da cidade, que offerece um aspecto magnifico com as fachadas douradas dos predios, na sua quasi totalidade subrepujados por bem trabalhadas esculpturas.

A primeira coisa que solicita a attenção de quem entra n'este bello recinto, onde se faz o mercado das flores, é o Hotel de Ville, construcção do seculo XV, com os seus rendilhados gothicos, as paredes cheias de alto a baixo de uma infinidade de pequenas esculpturas. São imagens de santos, principes, allegorias, tudo burilado por milagrosas mãos de fada, coroando o maravilhoso conjunto uma torre graciosamente collocada a um lado do edificio, como uma *aigrette* delicada no caprichoso penteado de uma gen-

til *coquette*. E ao cabo da torre, a uma altura de 114 metros, ergue-se a estatua de S. Miguel, o patrono da cidade, subjungando o demonio.

Não vem fóra de proposito reproduzir a lenda do valente archanjo que ha mais de quatro seculos protege os bruxellenses contra o genio do mal, encarpitado na flexa da torre do Hotel de Ville.

De resto, a Belgica é o paiz das lendas e aqui na capital correm algumas interessantissimas, que encantam mesmo os mais fortes e praticos espiritos.

Quasi todas se ligam á historia do paiz e a do S. Miguel é uma das mais antigas d'este sym-pathico povo.

Diz a lenda «que em tempos remotos houve um principe chamado Henrique, que se enamorára perdidamente d'uma linda filha de Bruxella, cuja virtude equalava a sua belleza.

«Como a esquivra creatura não dava ouvidos aos seus re-questos amorosos, o fogoso principe resolveu raptal-a, mas sem resultado, porque a presa lhe fugiu lestandamente. O pae da donzella queixou-se ás auctoridades e o joven principe deixou-se encarcerar, sem dar a conhecer a sua nobre origem e sua alta posição de herdeiro da corôa.

«Exposta a questão ao duque reinante, este, sem conhecer o seductor, condemnou-o a pena de morte.

«No dia seguinte, informado da identidade do pobre moço,

manteve inflexivel a mesma sentença.

«O infeliz namorado, nada esperando da clemencia terrena, voltou-se para o céu e começou a invocar a protecção de S. Miguel. No mais ardente periodo da sua prece, a porta da prisão abre-se de subito e no limiar apparece, resplandecente de luz e pedrarias, um soldado mysterioso que diz para o desventurado Henrique:

—Vem commigo!

«O principe obedece e todos os obstaculos se desviam á sua passagem: as pesadas portas de ferro giram



1A «Casa do Reis»



A camara municipal de Bruxellas

humildemente nos gonzos para deixal-os sair. Fôra tres cavallos esperam. Sobre um d'elles está a linda rapariga, objecto da doida patxão do principe. N'outro o padre que ha de unil-os por toda a vida. O terceiro é sem duvida destinado ao evadido.

—Vão e que Deus os proteja, diz-lhes o soldado.

«O duque perdoou ao filho á hora da morte e este então, por gratidão a S. Miguel, que assim ouvira a sua prece, salvando-o da morte e realisando o seu sonho de amôr, collocou a cidade sob a égide do santo milagroso e ordenou que a sua imagem occupasse o tópe do mais alto monumento de Bruxellas.»

O Hotel de Ville é obra de Jacques

Van Thieneu e de Jean Van Ruysbroeck e lá dentro ha toda uma riqueza de arte e magnificência, cujos descriptivos exigiriam um volume.

Uma visita á



O palacio da Justiça

torre impõe-se á nossa curiosidade, para gozar do espectáculo de Bruxellas, da altura dos seus cento e tantos metros. E' uma ascensão difficil e fatigante, atravez da estreita escada em caracol, de degraus exiguos.

No primeiro andar um guarda espera os visitantes, para „companhal-os ao cabo da viagem. Lá de cima a Grand'Place, com o seu mercado de flôres e passaros, dá-nos a impressão de um jardim encantado, tendo em volta os seus palacios de fadas, que outra coisa não parecem a *Maison des Brasseurs*, a *Maison des Bateliers*, a *Maison des Boulangers*, e, sobretudo, a *Maison du Roi*, tão garrida, finamente cinzelada, com uma multidão de pequeninas estatuas encaixadas na parede, como joias delicadas reunidas entre refolhos de preciosas rendas. Perdida no meio de tanta sumptuosidade, indica-nos o guarda uma casa em reparação, o n.º 26, onde viveu o immortal Victor Hugo, e de onde saiu para a admiração universal a tragedia sublime dos *Misérables*.

E como cruel ironia do Destino ou mago —quem sabe lá?— nos baixos d'essa casa está agora uma padaria recordando o primeiro crime d'esse infortunado Valjean — o roubo de um pão para matar a fome á mãe e aos irmãos.

Com a alma cheia de recordação da terna avó da linda Jeanne, descemos para continuar a nossa peregrinação pela Arte.

Vamos agora á *Maison du Roi*, vizinha fronteira do Hotel de Ville.

Chamava-se primitivamente *Broodhuis* (Casa do pão) onde se annunciava o preço do pão. Depois do bombardeamento de 1695, quando da sua reconstrução, o rei assistiu á abertura e d'ahi o seu nome actual.

A' sahida chama-nos a attenção um boneco, que nos escapára á primeira vista, em attitude de satisfazer uma necessidade physica, tendo ao lado um manequim com fatos de gala para as suas exiguas proporções. Inquirimos do guarda. E' a reprodução do *Manneken-Pis*, (Rapazinho que urina) a individualidade mais popular de Bruxellas, que está n'uma fonte á esquina das ruas do Chêne e de l'Etuve.



O pulpito da cathedral de Santo Eudule

Quem vem aqui e não vê o *Manneken-Pis*, pôde dizer que não viu Bruxellas. E' muito

peor do que ir a Roma e não vê o papa. A reputação do descarado homemsinho estende-se pelo estrangeiro, e não ha nenhum visitante que não compre a sua effigie, que se pavoneia em todos os bazares da cidade.

Lembro-me de ter visto n'um dos arredores de Lisboa, em jardim particular, uma reprodução do original marco fontenario.

Ha muitas versões sobre a origem do *Manneken-Pis* e todas interessantes.

Aqui vae uma:

«Parece que o pequeno principe Godebrot, vindo á frente de uma procissão, que precedia uma expedição de cruzados que voltava da Terra Santa, foi subitamente atacado de uma necessidade inadiavel. Deixou a companhia e durante a passagem do cortejo, uma hora, esteve satisfazendo essa necessidade. O povo tomou esta demora como um castigo e para expiação do sacrilegio mandou levantar esta fonte.»

Outra versão diz que á esquina d'esta rua morava uma fetteiceira, que encontrando um garotete a urinar na soleira da porta o condemnou a fazer perpetuamente a mesma cousa. Houve, porém, um santo homem que, illudindo a vigilancia da bruxa, collocou no lugar do pobre pequeno

uma figureta de pedra, que de boamente o tem substituido até agora.

O curioso monumento tem sido victima de varios attentados, que a popularidade traz ás vezes precalços. O homemsinho tem sido roubado muitas vezes, mas sempre encontrado e reintegrado no seu logar. A cada desaparição era um desolamento entre as mulheres do bairro, que choravam por elle como pela falta de um filho querido. Todos os regimens que se tem succedido na Belgica de ha tres seculos para cá fizeram seu partidario o pequeno de pedra. Elle ostentou a casaca azul da Baviera, a *écharpe* branca dos Bourbons, a *cocarde* tricolor dos revolucionarios brabanções, o barrete encarnado dos *sans-culottes* francezes, o uniforme do Imperio, o traje côr de laranja do tempo dos hollandezes, a blusa dos voluntarios da revolução e até o uniforme da guarda civil. Vestese uma vez ao anno, por occasião da kermesse de Bruxellas, mas não deixa nem mesmo assim de vender uma agua cristalina, que os bruxelenses algumas vezes bebem substituindo cerveja. O inconveniente pequenote continuará a ser pelos seculos fóra o idolo dos seus compatriotas, visto que a lenda diz que Bruxellas prosperará, enquanto estimar e honrar o seu *porte-bonheur*.

Quem quizer vêr uma obra de arte na mais pura accepção da palavra tem



A escadaria do palacio da Justiça

forçosamente de visitar
a igreja de Sainte Eudule.

E' uma construcção do seculo xv, em estylo gothico e n'ella collaboraram Silles Van den Bossche, Henri Cooman, Jean Vereycken e Van Buysbioech, o architecto do Hotel de Ville. A nave central é ampla, com lindas vitragens representando a legenda do milagre do Santo Sacramento.

N'esta nave ha ainda outros exemplares notaveis de pintura em vidro, como, por exemplo, a grandiosa obra de Frans Floris, *O Julgamento Final*, e retratos de alguns soberanos rezando, trabalho de Van Orley. Os retratos de Carlos V, Filippe II, Maria de Portugal, Filippe o Bello, Joanna de Castella, Filisberto de Saboya e Margarida de Austria estão reproduzidos, em vidro tambem, por cima do côro de aspecto severo, e datam de 1545. O altar-mór, riquissimo, de construcção mais recente, é ladeado pelos monumentos funebres á memoria de João II de Brabante e do archiduque Ernesto. Os restos de João II estão no côro, assim como o coração do archiduque Ernesto. Sob a mesma loisa, com a simples inscripção *Brabantia ducum tumulus*, foram inhumados Catharina de França, a noiva do Temerario, e o filho mais velho de Leopoldo I, primeiro rei dos belgas. Na capella do Santo Sacramento está a sepultura do principe Alberto e sua mulher; Fernando de Baviera, Maria Anna de Austria e Carlos de Lorena, com a inscripção *Monumentum Belgique Gubernatorum*. Ao longo da nave central um grande numero de confessionarios em carvalho esculpido. A meio, o pulpito, em carvalho tambem, symbolisando a queda do primeiro homem, a expulsão de Adão e Eva do Paraiso. Reproduz um canto do Paraiso ter-

sumpto que in eressa sempre o leitor.

O mais importante é o theatro real, conhecido no mundo musical por theatro de La Monnaie, situado na Praça de La Monnaie, em frente do Correio Geral. Por fóra offerece um aspecto vulgar, mas por dentro é lindissimo e é com certeza a mais bella e rica sala de espectaculos da Europa. Todas as portas abrem para fóra automaticamente, o que é a salvação em caso de incendio. Haja em vista as medonhas catastrophes da Opera Comica de Paris e do theatro de Chicago, onde as portas abriam



A fonte do Manneke-Pis



As leiteiras flamengas de Bruxellas

restre, com a macieira carregada de pomos appetitosos. Adão é surprehendido, accetando o tentador offerecimento da enganadora serpente. Em baixo a morte ameaça os dois peccadores, emquanto o Anjo da Guarda, lendo umas orações, symbolisa o refugio da humanidade na religião christá. Só para vér este pulpito, vale a pena entrar em Sainte Eudule. Está cheia de preciosas obras de arte Bruxellas, e longe iria este apontado de notas, se quizesse falar de todas.

Não posso fechar este artigo, sem falar um pouco dos theatros de Bruxellas, as-

para dentro, o que impossibilita a fuga, em vista da multidão que se refugiava de encontro a ellas.

No palco um aviso impresso, recommendando silencio, indicava-nos que o pessoal dos theatros belgas soffre tambem da verborreia algarvia dos seus collegas portuguezes. Tem um papel importante na historia da Belgica o theatro de La Monnaie. Foi ali que rebentou a revolução que havia de assegurar a independencia belga em 1830.

Representava-se a *Muda de Portici*. Quando o tenor cantava a aria:

Amour sacré de la Patrie
Rendez-nous l'audace et la fierté.

Os belgas levantaram-se em massa, dando vivas á Liberdade, saíram para a rua e correram para o Café das Mil Columns, onde tomaram o destacamento hollandez.

Fizeram barricadas, apoderaram-se das peças da guarnição da cidade e homens, mulheres e creanças combatiam ferozmente contra os hollandezes, até que ao cabo de tres dias conseguiram expulsal-os de Bruxellas.

O theatro de La Monnaie é considerado no mun-



do musical ao lado do Scala de Milão, Real de Madrid, S. Carlos de Lisboa, Lyceu de Barcelona e poucos mais, que fazem a reputação de artistas.

Está fechado n'esta época e foi por especial gentileza da direcção que pude visital-o.

Nos outros theatros funcionam agora cinematographos, á excepção do Alcazar, uma pequena sala rectangular, mal illuminada, onde um grupo de actores modestos representa uma revista *Vous y Viendrez*, com uma *mise-en-scène* que nem por sombras nos recorda o fausto e luxo das revistas de Paris.

A peça tem graça e a musica é bem escolhida, toda coordenada, que aqui, como em França, não se dão ao trabalho de fazer musica original para revistas. Escolhem canções em vozes, trechos de operetas e com

isso alinhavam uma partitura agradável e que tem a vantagem de estar já no ouvido do publico. E o que se quer n'este genero de peças é que a gente saia do theatro assobiando ou cantando a musica, sem esforços de memoria.

Para terminar ahi vae uma descoberta que fiz por cá e que talvez aproveite a alguém...

N'algumas janellas ha espelhos collocados de forma a reproduzir as pessoas que batem á porta. Sabem assim de ante-mão se hão de ou não receber o visitante.

Boa idéa para evitar uma visita importuna ou um crédor intransigente, não acham?

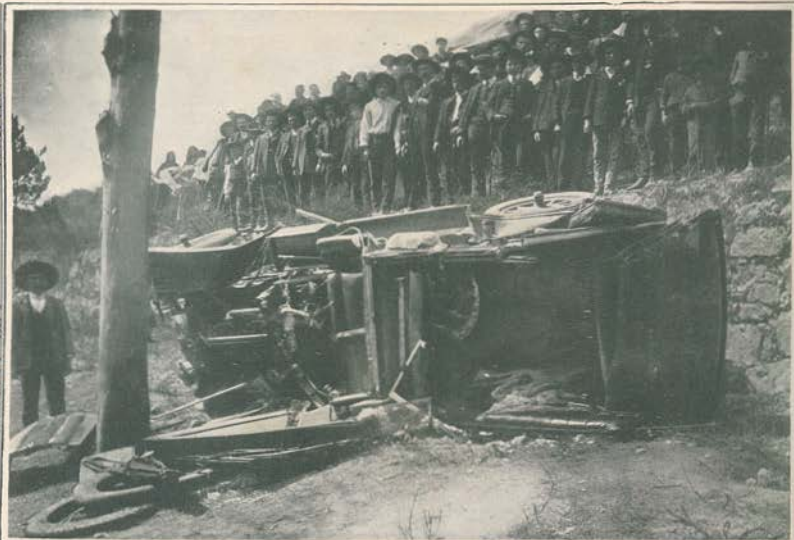
Vamos, alfacinhas! Toca a imitar os belgas, que é gente pratica e engenhosa.

Vá o espelhinho para a janella.

MERCEDES BLASCO.



1—O correio. 2—O theatro de *La Monnaie*.



O automovel do engenheiro Alfredo Moraes Carvalho, depois do desastre que victimou o seu proprietario.
(Cliché do dr. Leão de Meyrelles)

O desastre que causou a morte do engenheiro Moraes Carvalho, na estrada de Paços de Ferreira, foi motivado por um

desvio rapido que o *chauffeur* deu ao automovel e que o arremessou contra um talude.



Os illustres viajantes hespanhoes que estiveram alguns dias em Portugal e alguns membros da colonia.—Srs. D. Augusto P. de Bärceña, Gabino Bugalla, ex-ministro; Marques de Riestra, senador; engenheiro Juan Cervantes, deputado; Augusto Gonzalez Besada, ex-ministro da fazenda de Hespanha.—No segundo plano: srs. Diogo Martinez, Agapito Serra Fernandez, Francisco C. Cortinhas, Apolinar Contreras, Segundo A. Martinez, José Serra, Lorenzo Varella Cid, Manuel Gonzalez Suarez, Valentin Martinez, Serafin Alvarez Rivera.—(Cliché do sr. Apolinar Contreras)



DOCA D'ALCANTARA

(Cliché do amador Ex.^{mo} Sr. Alfred Black).

A Moda

Paris já assignou o seu ultimo decreto sobre a moda. Diane de Pongy, a celebre mundana artista, arvorou-a como um estandarte. A mulher galante, cheia de belleza e graça, com o seu vestido azul bordado a prata, as rendas brancas, os mil nadas que fazem a moda, é n'este momento a triumphadora. A cidade, que sempre as leis do vestuario, proclamou-a; os clichés de Reutlinger engram-na; todos a vão contemplar como se fôsse a propria carnacão do ultimo gesto dictatorial da moda.

Por isso a *Illustração Portuguesa* oferece ás suas leitoras o ultimo figurino, as capas bordadas a ouro, as de rendas brancas Imperio, o vestido azul bordado a prata, que constituem n'este momento o supremo grau da elegancia e que dentro em pouco Lisboa admirará, nos theatros, nos passeios, nas ruas, usados pelas suas mais formosas mulheres.



2—Vestido de liberty bleu-ros bordado a prata



1—Capa de panno cor de ervilhas bordado a ouro



3—Uma grande novidade da estação.—As capas de tulle e renda para theatro e recepções.

(Clichés da World's Graphic Press)

A MISERIA NA CIDADE DOS MILLIONARIOS

Nova-York, a capital do Milhão, ao despertar nas suas brumas pelas manhãs frias, vê uma turba que parece crescer dos passeios, ser nascida d'elles, a erguer-se. E' uma legião esfarrapada, descalça, macilenta, de cabelleiras emmaranhadas, olhos febris, rostos dedados violentamente pela miseria. Que faminto exercito é esse?! Como vive?! De que revoltas sahiu?! Que massacres vae fazer?!

Toda aquella gente tem fome e não tem casa. São os parias da cidade dos millionarios. São os que estalam de fome ao lado dos bancos atulhados d'ouro, em frente do rei do petroleo archi-millionario, dos varios reis, o do aço, o do trigo, o dos porcos, o

casas das machinas dos jornaes, buscando o calor das caldeiras. Os homens apañham restos dos grandes diarios e envolvem n'elles os pés arroxeados; amantam-se n'esse papel onde por vezes os seus olhos fatigados pôdem lêr que se fez mais um *trust*, que a filha do rei de ferro vae casar com um archiduque authentico ou que a neta do rei dos caminhos de ferro em breve se alliará a um principe da velha Europa, com o nome no Gotha e uma dynastia a desenrolar-se na historia.

Alli estão emquanto as tiragens colossaes se vão fazendo. O ruido não os desperta. A's vezes o vento leva-lhes o



Os que não
(Photographia tirada de noite, á luz do

tem abrigo
magneto, n'uma rua de Nova York)

dos caminhos de ferro, essas realezas do dinheiro que pullulam no seio da democracia.

Como passam a existencia, o que são os seus dias, onde descansam nas noites?! Juntam-se na afinidade da miseria e devem tambem ter o seu rei, o mais desgraçado de todos. Vagueiam pelos caes, pelas ruas, pelos parques, uns procuram tiabalho, outros já não tem força para elle. A superabundancia de braços, a alluvião de machinas, inutilisam uns; a fome constante arrasa os outros. Quando a noite chega, aquelle exercito acolhe-se sob os alpendres, procura o aconchego possivel mette-se perto das

calçado feito do papel impresso, fustiga-os, irrita-os. Quærem segurar o seu abrigo e atam-no com cordeis. São extranhos. Lembriam reclamos monstruosos ao *New-York Herald*, ao *Morning*, aos grandes periodicos da cidade do Milhão.

Nas manhãs acordam. A fileira forma-se, tudo aquillo se arrasta por instincto até ás portas dos estabelecimentos onde se distribue uma negra tira de pão. E' uma caravana á beira d'um passeio, silenciosa, pallida, desgrenhada e na expectativa. Uma padaria de Broadway, a *Fleischmann*, dá-lhes meio pão; outra serve-lhes, com os restos do pão da vespera, uma malga de café.



Os que não tem pão
A distribuição de pão aos famintos n'uma rua de Nova York.

Deve ser um extranho espectáculo esse. A cidade começa a mover-se; silvam os combóios, as machinas vão fazendo as suas tarefas, mais felizes do que os homens, alimentadas enquanto elles morrem de fadiga e mal comem; os escriptorios abrem-se; montões d'oiro entram a rolar. A America continua a assombrar o velho mundo, entra nos dominios do phantastico de dia para dia mais. Abrem-se olhos de pasmo. Sublime paiz de oiros!... A legião engrossa nas orlas dos passeios; os padeiros, re-

ceiosos d'assaltos, dão-lhe restos. E' assim. Ao lado da opulencia desmarcada, a mizeria maior!

Mas os miseraveis tambem se repellem; alguns teem os seus logares do costume; installam-se; tomam posse. Aquelle cantinho, junto do calor, na porta d'um jornal é d'um; o angulo do muro é d'outro; os que chegam de novo são recebidos de má vontade. Não ha logar. Que rodem, que vão para outra parte! Então encostam-se ás paredes das casas para se abrigarem do vento;



Um dormitorio ao ar livre.

vão estender-se na relva de Madison Square Park. Para ali ficam aguardando a manhã. As chuvas fortes ensofam a farraparria que os envolve e elles, tremendo de frio, unem-se uns contra os outros, n'uma solidariedade d'ocasião, no dia seguinte desprezada.

D'aquelles desgraçados muitos são estrangeiros. O sonho da America, mina d'oiro, terra de promissão, onde se entra chorando e d'onde se sahe indifferente ás lagrimas, onde se penetra sem um dollar e d'onde se regressa abarrotado de dinheiro, levou-os para lá, atrahiu-os, e como uma mulher de rosto formoso, que tivesse o corpo cheio de pustulas, vae apodrecel-os.

Então não é ali que um cocheiro chega a

isto durante annos, passam n'aquelle vaguear; recebem as esmolas dos padeiros e são enxotados das portas dos restaurantes onde se come bem. Mas não haverá forma de acabar com esse espectáculo de centenas de homens robustos e validos, dormindo pelas ruas, recebendo codeas?! Não ha tempo para pensar n'isso n'uma terra onde as horas são dinheiro?! E' um contraste profundo. Tanta homens sem pão, sem roupa, sem leito, ao lado de palacios sumptuosos, de caprichos de millionarios, que transportam as maravilhas da Europa para o seu paiz. Em frente do palacio dos Doges, reconstituído na America, asyram os desamparados, e, entre elles, talvez algum veneziano faminto, ao acordar do seu pesado somno.



Uma distribuição de alimentos por uma sociedade de beneficencia — (Cliché Delius)

rei do trigo?! Não é ali que rolam catadupas d'oiro?!

O desgraçado vê a cidade e vê o egoismo. As portas fecham-se; as janellas aferrolham-se. Em toda a parte ha engenhos contra os ladrões, machinas que os agarram, pistolas que se disparam automaticamente.

Sem recursos, a turba engrossa, a legião torna-se formidavel.

Os homens das mais variadas nacionalidades, vestindo os mais estranhos farrapos, com os mais phantasticcs chapéus agrupam-se.

Estirados nos passeios, buscando um pouco do calor d'algum estabelecimento, parecem cadaveres n'uma immensa morgue. A rua assassina-os; na rua se expõem. Depois, todos os dias,

com os primeiros raios do sol, se julgue ainda na sua patria, a que não pôde regressar e chore a aventura que para ali o levou. Como animaes da rua, disputam o menor bocado que encontram; á hora do repouso degladiam-se, e, mesmo na fila, querem o melhor logar, no egoismo dos seus corpos cançados. A cidade do Milhão, onde ha predios de trinta andares, restaurantes que são quarteirões inteiros, tabernas enormes, não tem outro recurso para os seus famintos do que deixal-os dormir sob os hangares e vêr os padeiros e as sociedades de beneficencia distribuirem alguns pedaços de pão aos homens que arrastam a mais mizereavel das vidas diante do luxo, da riqueza, dos Bancos cathedralescos, feitos templos do idolatrado dinheiro.

CIDADES MORTAS

Do arraial destroçado que são as citanias pre-romanas de Britiros, nos arredores de Guimarães, a mais immediata impressão é a de um vasto campo de ruínas, ainda quente da ultima peleja, e que um vendaval immenso varreu, com homens e edificios, como por castigo ás atrocidades estupendas dos povos barbaros que as habitaram.

Roteiros indecisos de arruamentos, fragmentos de edificios, golpes hundos e longos de aqueductos subterraneos rompendo a montanha e hoje habitados pelas silvas agrestes, as covas abertas e profundas das necropoles, o esboço circular das construcções — tudo suggestiva, recordando a catastrophe e a ruina. N'aquelles planos de serra (qual dos dois mais impressionante) uma natureza passada, sepulta, em citras, pára e abysma ao centro da natureza averdescada e humida d'um circular e arraizado horizonte de paizagens. Fumos de lareiras aldeãs sobem ao quieto



As necropoles da Citania

da tarde, azulados e vagos, emquanto vemos perto, em frente de nós, o logar onde a encenação familiar não anima, já, rusticos e encantadores costumes domiciliars. Teem a cal agreste dos pedregulhos calcinados de milhares de estações aquellas lages e terras de curioso estudo ethnico. Uma saudade in-



Um aspecto da Cidade depois das excavações de Martins Sarmento

tensíssima brota da dramatica exposição d'aquellas ruínas evocadoras: como se, realmente, homens e edificios, vistos minutos antes, tivessem deixado pouco mais que poisar a poeira do seu ultimo combate e da sua perdição irremediavel.

Subir de S. Pedro de Donim — linda aldeia de cravos e val-verdes — pelo serro da Cítania de Santo Estevão de Briteiros, nos dias maximos de calor, é semelhante a um trabalho aguerrido e atrevido da meia-idade, porque a

Os valles vão subindo, crescendo, como se tivessem a mais vasta sequencia nos montes fronteiros e vestidos de verdura. Tem-se, a todo o momento, a impressão do ingresso ao mastro d'um navio sobre o movimento das vagas altas e inconstantes.

A razão porque descrevemos e estudamos as cidades mortas de Briteiros são os documentos d'arte mycenica, imprescindiveis para o nosso ensaio ethnographico sobre as artes populares do Minho, que nas citanias mais que em nenhuma outra localidade abundam, valiosissimos.

Effectivamente, os documentos d'essa arte apagada, d'um alfabeto artistico quasi insignificativo mas notavel, precisa, para a coordenação dos factos historicos relativos á evolução artistica, marcou um periodo de attracção muito geral, muito inconfundivel. Não pôde dizer-se que a passagem da arte mycenica pelas estações historicas do occidente da Eu-



As casas circulares da Cítania

poeira negra da montanha, no largo banho de suor que nos cobre, produz um indefinido cansaço com aquelle bater consecutivo de urzes e pedreiras. Meio corpo do monte cobre-se, ainda, das vegetações frescas do campo, de acampamentos altivos e cercados de pinheiras, por entre os quenes o sol se cõa no relvado em admiraveis redes d'ouro. Mas a montanha despe-se; tem o tronco nũ e musculoso. E logo as escarpas se succedem, difficeis e trahindo os passos, para serem vencidas a pau ferrado, incidindo a terra com a coragem tenaz d'um assalto de guerrilheiros—tanto é o perigo que nos atemorisa e a vontade curiosa que nos exalta mais e mais.

ropa fõsse infructifera. Para que um genero artistico chegue até ao momento em que o povo o recebe e utiliza é necessario que muito se tenha evidenciado, que o habito se torne, por assim dizer, o seu melhor reclamo. E isto, muito principalmente, com povos de insignificante cultura e quasi só vibrates, suggestionaveis, com os documentos polychromos—aquelles que mais ferem a vista, que d'um modo mais rapido gravam a sua expressão.

Os documentos da pedra, n'essa epoca mal collocados e custosos de interpretação, eram os que só pela ausencia de competidores coloridos estavam em circumstancias de serem utilizados. Aquelles a que nos referimos são d'essa especie. Bellos, sem duvida; mas bellos, ao primeiro encontro, somente

para os
juizes
eruditos, para os
individuos que
facilmente dedu-
zem do seu memo-
ria ou pela educa-
ção scientifica
ou, pelo menos,
pela faculdade in-
tuitiva que possuem.
que, em verda-
de, só muito
consciente ou in-
telligentemente
se podem expli-
car a graça e o memo-
ria d'um exem-
plar d'arte exoti-
ca, difficil de es-
tudar-se, e, n'este caso, mais difficil ainda para
o esclarecimento da sua estranha situação entre
nós.

O que já não podemos é continuar afirman-
do que os elementos d'arte mycenica passaram
em modo fugaz e occasional entre os castros
pre-romanos de Briteiros — o seu melhor re-
positorio. Elles, do mesmo modo porque exer-
ceram uma altissima influencia na evolução de
um determinado grupo d'artes populares, che-
gam tambem ao extremo erudito das appli-
cações artisticas — foram um motivo de embe-
limento architectonico, servindo a maioria
das decorações que existem no precioso
templo de Balsemão, nos arredores de La-
goa.

É porque assim succedeu, ficou
contudo bem definido, des-



de já,
que de
modo algum po-
demos admittir
a hypothese de
terem sido os or-
natos d'aquelle
templo os trans-
missores, aos
operarios ruraes,
das bellas escul-
pturas dos seus
productos inge-
nuos e admira-
veis.

Não estão na
Citania e no Sa-
brosos, actual-
mente, os docu-
mentos de pedra

lavrada a que nos referimos. Com criterio e
como prova de incomparavel estima que lhes
votava, Martins Sarmento, ao terminar a explo-
ração scientifica dos dois castros, enviou-os
cuidadosamente ao archivo do muzeu archeo-
logico de Guimarães. Mas nem por isso as ci-
taniaes pre-romanas deixaram de interessar-nos.
Pelo contrario; é muito mais suggestivo o lo-
gar deserto onde esses raros materiaes esteve-
ram sepultos milhares d'annos, porque não deixa
de nos recordar, semelhante ausencia, quanta
probabilidade podiamos ter em subtrahir,
com futuras excavações, muitos outros exem-
plares preciosos, talvez capazes de darem a
este difficil problema da sua situação entre
nós uma solução definida e inilludivel.

Curioso, pela associação de
factos, o caso de os



1—As ruas da velha Citania

2—Documentos de arte mycenica pertencentes á Citania

mais notáveis elementos d'arte mycenica recolhidos em Portugal surgirem precisamente no meio provincial que com elles mais engrandece as suas feitorias d'obra rustica. E', realmente, muito interessante que surjam, despertando o interesse dos estudiosos, precisamente no centro d'uma provincia que fabrica esses incomparaveis *jugos* lavrados. Porque, dado que não possamos estabelecer praso de vida á civilização mycenica no noroeste da peninsula, o que desde já podemos afirmar é que não foi passageiro, rapido, o estadio do povo que a introduziu na nossa terra—isto ainda que o praso que se lhe succedeu, enorme, muito pudesse obrar n'esta adaptação curiosa.



muzeu de Guimarães são artisticamente superiores aos que o sabio allemão menciona.

E', sobre tudo, notavel e feliz a casualidade do encontro. Que seriam os *jugos* ruraes se não adoptassem os vasados e ornatos d'essa arte pre-historica? Sem duvida que não teriam tão cedo encontrado um alphabeto artistico de tão singular expressão. Seriam, talvez, singelos e vulgares como os ornatos da ceramica vermelha e negra; ou, talvez, tão inverosimeis como o estão sendo actualmente desde que variados e incongruentes motivos nacionaes estão passando utilizados na sua ornamentação, sem constituirem uma fonte de interpretação assaz me-



Outro aspecto da Citania de Briteiros

A classificação erudita dos elementos mycenicos das estações de Briteiros nunca soffreu uma hesitação. São palpaveis, mede-os e liga-os o instincto d'um homem intelligente, porque nada tem semelhanças tão consoladoras. São os mesmos *cetrascelos tetraslos*, os mesmos *torsos* que a memoria notavel de Cartailhac reune e compara. Martins Sarmiento chega a afirmar que alguns dos elementos recolhidos no valiosissimo

thodica e accetavel. O problema d'essa arte pittoresca, porque está latente um conflicto d'ordem artistica verdadeiramente attendivel, resolve-se assim: ou o regresso ás primitivas fontes d'inspiração, seguindo o compendio das decorações mycenicas, ou o estabelecimento erudito d'um compendio exclusiva e caracteristicamente nacional, reproduzindo todos os motivos que nos meios ruraes evidentemente se apropriem.

Isto só.

